ALÉM DO SENTIDO: A ESCOLA DE ALEXANDRIA E OS ASPECTOS TEOLÓGICO-FILOSÓFICOS DO MÉTODO ALEGÓRICO DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Gerson Francisco de Arruda Júnior[1]

Resumo

O presente texto tem como objetivo discorrer sobre os aspectos teológico-filosóficos do método alegórico de interpretação da Bíblia. Mais especificamente, o seu objetivo é não só demonstrar como tais aspectos fundamentam a alegoria, mas também mostrar que a alegoria, enquanto método de interpretação das Sagradas Escrituras Cristãs surge da necessidade de minimizar dois grandes conflitos, a saber, (1) o conflito gerado pelo encontro dos postulados cristãos com as especulações da filosofia grega, e (2) pela interpretação feita dos textos do Antigo Testamento pelos primeiros cristãos. Para isso, inicialmente define-se o que é a alegoria e como ela foi usada na tradição judaico-cristã; depois se consideram as raízes históricas do método alegórico de interpretação, sobretudo como ele foi desenvolvido na Escola de Alexandria; e, por fim, destacam-se seus principais representantes. O texto conclui afirmando que a alegoria foi um método de interpretação que surgiu para tentar resolver problemas específicos em determinados contextos históricos e, exatamente por isso, talvez não seja mais necessário utilizá-lo hoje.

Palavras-chave: Alegoria. Hermenêutica. Escola de Alexandria.

Introdução

No período Patrístico, os princípios de interpretação da Bíblia estavam restritos a basicamente dois grandes centros de estudos. Por um lado, havia a famosa Escola de Alexandria, cujo eixo hermenêutico se assentava no método alegórico de interpretação. Por outro lado, encontramos a Escola de Antioquia que, em radical oposição aos alexandrinos, defendia um método de interpretação mais literal. Do confronto dessas duas Escolas, surgem várias questões relacionadas à fundamentação e desenvolvimento desses princípios hermenêuticos. O que segue é uma apresentação dos aspectos filosóficos e teológicos que fundamentam o método alegórico de interpretação da Bíblia. A hipótese defendida é que tal método surge para atender a uma necessidade específica, a saber, atenuar as tensões decorrentes, por um lado, do encontro da filosofia grega com a fé cristã, nos primeiros séculos de nossa era, e, por outro lado, do modo como os primeiros cristãos liam o Antigo Testamento. Veremos que esse método, que tem importantes

[1] Doutor em Filosofia. Atualmente é professor de filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e na Faculdade de Teologia Integrada (FATIN). E-mail: gjkoine@yahoo.com.br

raízes históricas e destacados representantes no contexto dos primeiros séculos cristãos, talvez não seja mais relevante, dado que o contexto cristão é hoje completamente diferente.

O que é a Alegoria?

A palavra "alegoria" é derivada dos termos gregos $\alpha\lambda\lambda o\varsigma$ (***allos***) – outro, e $\alpha\gamma o\rho\varepsilon\omega$ (***agoreô***) – falar. Etimologicamente, portanto, essas palavras significam "outro falar", denotando que, o que se estar falando quer dizer outra coisa além do significado natural do que foi falado. Alegorizar, pois, é exatamente dizer com palavras simples coisas mais profundas do que as que são transmitidas pelo sentido comum dessas palavras.

Historicamente, a alegoria foi desenvolvida pelos gregos para reduzir a tensão existente entre o mito religioso e a herança filosófica. Os mitos religiosos na Grécia, principalmente os escritos pelo grande poeta Homero, descreviam muitas ações imorais e obscenas realizadas pelos deuses (ZUCK, 1994, p. 34). Os filósofos gregos, na tentativa de minimizar o conflito que o registro desses comportamentos divinos poderia causar entre os religiosos, interpretavam essas histórias míticas alegoricamente, atribuindo-lhes, assim, outro sentido. Platão, por exemplo, em muitos dos seus diálogos filosóficos, usa a alegoria em confrontação com a posição imoral dos deuses registrada nos escritos de Homero, afirmando que as verdades ali descritas jazem num nível mais profundo de interpretação, o alegórico (PLATÃO, 1980, p. 53 – 100).

A alegoria na tradição judaico-cristã

Na tradição judaico-cristã, o método alegórico de interpretação foi amplamente usado. Influenciada pela concepção grega, a alegoria judaica se baseava na ideia de que a verdadeira interpretação está além do sentido comum das palavras dos textos. O principal representante dessa Escola de Interpretação no período Judaico Antigo é Fílon de Alexandria. Entre os cristãos, a alegoria ganhou expressividade quando se tornou o método de interpretação adotado e defendido pela assim chamada Escola de Alexandria, considerada "o primeiro instituto cristão de ensino superior". A origem da escola é atribuída ao filósofo estoico Panteno (REALI; ANTISERI, 1990, p. 411; GILSON; BOEHNER, 1991, p. 33).

Com a chegada do cristianismo a Alexandria, instaurou-se uma tensão intelectual entre a Religião Cristã e a Filosofia Grega, necessitando, urgentemente, de um método de interpretação que satisfizesse e respondesse às novas indagações religiosas trazidas pela fé cristã. Igualmente como fez o judaísmo na época de Fílon, o cristianismo alexandrino, desde seu início nessa região, também adotou o método alegórico como meio de harmonizar a Fé Cristã e a Filosofia Grega. Essa decisão não é de se admirar, uma vez que o pensamento alexandrino estava fortemente influenciado por históricos pensadores alegóricos.

A Escola de Alexandria: raízes históricas

Apesar de vários pensadores influenciarem o pensamento alexandrino, três deles são as mais importantes raízes históricas do método alegórico na Escola de Alexandria: Heráclito, com a ideia de sentido mais profundo alcançado pela *huponóia*; Platão, com a ideia de verdades espirituais demonstradas pela alegoria; e Fílon, com a interpretação alegórica do Antigo Testamento.

No conjunto de suas teses, Heráclito é muito conhecido por afirmar ser o fogo a causa primeira de todas as coisas e do dinamismo universal do eterno devir. Contudo, é a partir da sua doutrina sobre o *logos* que ele elabora o sentido de *huponóia*, de onde temos a herança filosófica para o método alegórico. Para Heráclito, o *logos*, que constitui a essência mais profunda dos seres humanos, põe constantemente diante do homem a possibilidade de *vigiar* ou *dormir* (ABBAGNANO, 1999, p. 34). Para esse grande filósofo, o sono, *dormir*, é o isolamento do homem em si mesmo, é o seu fechamento, uma introspecção profunda, um ato de solipsismo radical. Já a possibilidade do *vigiar* é quando o homem está *acordado* e abre-se, mediante a pesquisa, à sua autêntica relação com o mundo objetivo e com os outros, numa dinâmica científica e social, respectivamente. Mais especificamente relacionado ao mundo objetivo, essa pesquisa vigilante não se detém nas aparências, mas avança até alcançar o seu sentido real.

Contudo, em se tratando dos textos escritos, isso também é aplicado. Diante das letras de qualquer documento escrito, encontramos apenas as aparências. É somente com a *huponóia*, ou seja, uma atitude de buscar o que está atrás das letras, é que desvendamos o sentido real, o sentido mais profundo; é quando

dissipamos as aparências. Essa postura foi aplicada pelo próprio Heráclito, principalmente na leitura das obras de Homero, para fugir das implicações óbvias causadas pelas supostas imoralidades dos deuses ali registradas (LOPES, 2004, p. 130.). Assim, para ele, essas atitudes dos deuses deveriam ser entendidas como tendo um sentido mais profundo, além da letra, que é somente alcançado pela *huponóia*. É baseado nisso que os intérpretes alexandrinos têm Heráclito como fonte histórica para validarem suas alegorias.

A segunda raiz histórica do método alegórico é Platão, o grande fundador da Academia. A base de sua filosofia é a existência do mundo das ideias, do qual o presente mundo não passa de uma sombra. Esse mundo em que vivemos é apenas uma representação, uma cópia do que existe no mundo perfeito das realidades imateriais e eternas. Esse aspecto dualístico da realidade é estendido também aos textos escritos. Desse ponto de vista, as "aparências" textuais transmitidas pelas letras são meras representações (cópias) dos conceitos e verdades espirituais existentes no mundo perfeito. Assim, querer interpretar os textos literalmente é agir dentro das aparências, sem possibilidade alguma de ir além do sentido periférico e imperfeito. É somente com a alegoria que nós alcançamos o mundo das ideias, e, portanto, os conceitos e as verdades que trazem o sentido real dos textos, do qual as letras são apenas representações. Platão é o destaque na Filosofia Antiga no uso da alegoria. A mais importante delas é a *Alegoria da Caverna*.

Por fim, temos Fílon. Enquanto judeu praticante, Fílon se envolveu na interpretação das Sagradas Escrituras judaicas, especialmente a teologia e os escritos mosaicos do Pentateuco. Entretanto, diferentemente dos outros tipos de interpretação, Fílon desvelou as Escrituras Sagradas do Antigo Testamento à luz dos conceitos platônicos, na tentativa de gerar uma harmonia entre as concepções da Religião Judaica e os pensamentos da Filosofia Grega. Com essa proposta, ele pretendia combater dois grandes problemas que havia entre os judeus da diáspora. De um lado, queria acabar com os excessos dos "alegoristas extremos" que, influenciados pelas interpretações rabínicas e *Midrástica*, abusavam nas alegorizações dos Textos Sagrados. Por outro, combatia os intérpretes "literalistas" que compreendiam as passagens bíblicas de maneira radicalmente literal.

Além disso, a partir do dualismo platônico entre o corpo e a alma, Fílon reconhecia dois níveis de sentidos na interpretação dos Textos Sagrados. Ligado ao

corpo, que é inerentemente mal, está o Literal, o qual é atribuído, por ele, aos fracos na fé, uma vez que esse sentido "correspondia ao nível mais imaturo do entendimento". O significado Literal era apenas um símbolo do verdadeiro sentido. Ao mesmo tempo, ele também defendia que nesses textos há um sentido especial, mais profundo, destinado aos intelectuais e maduros. Esse, encontrado por traz das letras, e pelo qual o verdadeiro significado dos textos era expresso, só é alcançado pela utilização do método alegórico na interpretação. Além disso, ele estava diretamente relacionado com a alma humana que, no platonismo, era a fonte de todo o bem no homem.

Assim sendo, o grande mérito de Fílon na história da interpretação está no fato dele ter buscado uma conciliação entre as tradições históricas da Religião Judaica e as ilações especulativas da Filosofia Grega. Com ele, então, somos capazes de, pela primeira vez, encontrar uma relação muito forte entre Religião Judaica e Filosofia Grega, que só foi possível graças ao Método de Interpretação Alegórica.

A Escola de Alexandria: principais representantes

Dois são os principais representantes da Escola de Alexandria: Clemente de Alexandria e o seu discípulo Orígenes. Ambos lidam veementemente com a interpretação das Escrituras Sagradas Cristãs. Eles acreditavam que a Bíblia era, de fato, a palavra de Deus, e apontavam a interpretação alegórica como o único caminho por onde conseguimos extrair o seu verdadeiro sentido.

Tito Flávio Clemente (150 – 215 d.C.), ou mais conhecido como Clemente de Alexandria, foi um nomeado hermeneuta da Patrística. Ele foi um dos diretores da Escola de Alexandria e um dos primeiros Pais da Igreja a lidar seriamente com a interpretação bíblica. Desde a sua conversão, Clemente se tornara um grande defensor da fé. Por isso, dedicou parte da sua vida à elaboração de uma *Gnose Cristã*, que respondesse às indagações dos hereges, nos acirrados debates entre fé e razão.

No período em que Clemente se tornara padre, a Igreja Cristã estava passando por um momento muito conturbado devido aos iminentes ataques causados pela proliferação das seitas gnósticas. O tipo de *Gnose* defendido por esses grupos, afirmava a necessidade do conhecimento filosófico para se ter uma fé

cristã genuína. Para combater a *Gnose* "herética", Clemente elabora um conceito próprio de *Gnose* denominada de *Gnose Cristã*, pela qual destaca a importância do conhecimento filosófico para o Cristianismo. Esse conceito de *Gnose Cristã* irá permear todo o pensamento de Clemente, inclusive sua hermenêutica.

Guardando as devidas proporções, Clemente (igualmente aos Gnósticos) classifica o homem em três categorias: o pagão, o crente e o *Gnóstico Cristão* (GILSON; BOEHNER, 1991, p. 39). Os pagãos são os ímpios, que não aceitam a doutrina cristã; os crentes são os cristãos que ainda não compreenderam perfeitamente a fé cristã, por não terem capacidade de obter o conhecimento perfeito sobre ela; os *Gnósticos Cristãos* são os cristãos perfeitos, cujo entendimento brilha pela compreensão da fé, através do perfeito conhecimento.

Baseado nessa divisão, Clemente alicerça seu método de interpretação da Bíblia. Para ele, as Escrituras possuem cinco sentidos: o histórico, o doutrinal, o profético, o filosófico e o místico ou alegórico, sendo esse último, o mais profundo. O histórico, atrelado ao mero relato das histórias bíblicas; o sentido doutrinal, o responsável pela extração de ensinamentos morais e teológicos; o profético, relacionado com a interpretação dos tipos e profecias bíblicos; o filosófico, de onde parte todo o conhecimento real; e o sentido místico ou alegórico, de onde se extraem as verdades morais e espirituais, necessárias ao progresso salvífico, à perfeição (ZUCK, 1994, p. 41).

Os dois últimos sentidos, que são os mais importantes, só podem ser alcançados pelos "perfeitos cristãos", ou seja, os *Gnósticos Cristãos*, que, por estarem em "contato direto" com Deus através das muitas "iluminações espirituais", tinham condições de obterem o mais profundo sentido dos textos bíblicos. Esses espirituais se destacavam por utilizar o método alegórico em suas interpretações, defendendo ser esse o único caminho para descobrir esses sentidos. É baseado nisso que, para Clemente, aqueles que ficavam restritos à letra do texto não conseguiam êxito em suas interpretações, uma vez que o sentido trazido pelas letras, o literal, fornece apenas uma fé elementar, sem nenhuma profundidade espiritual. Somente o sentido alegórico produz uma fé alicerçada num conhecimento real e perfeito, produzindo, assim, um progresso espiritual que desembocaria na salvação.

Clemente tem o honroso privilégio de ser o primeiro intérprete cristão a aplicar o método alegórico aos Escritos do Novo Testamento. Segundo ele, as Escrituras Sagradas utilizam uma linguagem simbólica e misteriosa. Por ela Deus, pela sua infinita sabedoria, tinha o objetivo de ocultar as verdades da letra dos textos, para que os incrédulos nem os crentes simples não compreendessem as verdades bíblicas que estavam destinadas apenas aos espirituais (VIRKLER, 1995, p. 44), ou seja, àqueles que tinham o alcance do sentido místico, alegórico. É, por isso, que Clemente aponta o método alegórico como o único caminho para se alcançar o real sentido dos textos bíblicos. Seguindo essa mesma direção, porém com algumas diferenças, está o mais destacado discípulo de Clemente: Orígenes.

Sem dúvida, Orígenes (185 – 254 d.C.) foi o mais importante e influente intérprete das Escrituras dentre os seus contemporâneos. Seu pai fez questão de educá-lo na Escola catequética de Alexandria, onde, logo cedo, destacou-se, galgando grande estima por parte de seus professores, e onde sucedeu Clemente na direção da Escola.

Como escritor, Orígenes se declara um grande defensor da fé cristã. Seu contexto de luta é contra os Gnósticos, e contra os judeus literalistas que haviam ressurgido em sua época. Sendo, pois, inquietado por esses maldizentes do Cristianismo, ele, fortemente influenciado pela Filosofia Grega, acreditava que a melhor maneira de combatê-los seria entender as Escrituras pela interpretação alegórica. Ele acreditava que as Escrituras Cristãs eram uma vasta alegoria, na qual cada detalhe dos textos devia ser interpretado simbolicamente (LOPES, 2004, p. 133), e ressaltava que a Bíblia estava repleta de enigmas e afirmações obscuras, que, somente com o sentido mais profundo, trazido pela interpretação alegórica, é que se poderia obter a clareza desses textos.

Partindo da ideia existente no dualismo platônico, o ser humano, para Orígenes, possui três dimensões: o corpo – $\sigma\omega\mu\alpha$ (*soma*), a alma – $\psi\upsilon\chi\eta$ (*psiche*), e o espírito – $\pi\nu\varepsilon\upsilon\mu\alpha$ (*pneuma*), Orígenes defendia que a mensagem das Escrituras Sagradas, para ser eficaz, teria que atingir cada um desses níveis, e, portanto, deveria ter três sentidos específicos: o *somático*, que é o sentido literal; o *psíquico*, que é o sentido moral; e o *pneumático*, também chamado de alegórico ou místico, que é o sentido real e mais profundo do texto.

O sentido *somático*, que estava relacionado ao corpo, expunha a verdade histórica do texto, trazendo apenas o sentido literal, que era destinado aos iniciantes, os fracos na fé, aos imaturos. O sentido *psíquico*, relacionado à alma, estava comprometido com o conteúdo moral do texto, o qual servia para alimentar a fé daqueles que tiveram algum progresso espiritual na caminhada cristã. Por fim, o sentido *pneumático* ou alegórico que, relacionado com o *espírito*, trazia o sentido místico, onde estava o conhecimento real, profundo e perfeito, destinado apenas aos maduros na fé.

Embora tivesse realizado uma excelente sistematização das verdades cristãs, Orígenes, negou, muitas vezes, o caráter histórico das passagens bíblicas, possibilitando vários sentidos para um mesmo texto. Ele desconsiderou de tal maneira o sentido literal dos textos que seu estilo alegórico passou a ser chamado de “fantasia desmedida” (KEVIN *apud* ZUCK, 1994, p. 42). Apesar disso, ele, ainda hoje, é considerado o maior intérprete entre os alexandrinos, influenciando, inclusive, muitos Pais da Igreja como Dionísio, o grande, Eusébio de Cesareia, Dídimo, o cego, Cirilo de Alexandria, e mais tarde, Ambrósio e Agostinho.

Considerações finais

Se corretamente analisado, é impossível negar que a alegoria de Alexandria influencia, até hoje, a interpretação bíblica. Contudo, visto que seu uso na interpretação das Sagradas Escrituras Cristãs foi feito em um contexto histórico muito específico, quando, com a expansão do cristianismo no mundo, vários conflitos surgiram, especialmente entre o pensamento filosófico helênico e as doutrinas cristãs, e entre essas e as doutrinas expressas no livro sagrado dos judeus. Ora, uma vez que esses conflitos já foram tratados e, em muitos aspectos, harmonizados, não é descabido pensar que a alegoria, enquanto método de interpretação da Bíblia, não tenha mais relevância em nosso contexto atual, dado que nossos embates cristãos hoje são radical e essencialmente diferentes daqueles dos primeiros séculos da Era Cristã.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Vol. 2. 5. ed. Trad. de Antônio Borges Coelho. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. Trad. de Mauro Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

GILSON, Etienne; BOEHNER, Philotheus. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cusa. 5. ed. Trad. e notas de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1991.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A bíblia e seus intérpretes:** uma breve história da interpretação. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

PLATÃO. **A república**. 3. ed. Trad., introd. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

REALI, Giovanni; ANTISERE, Dario. **História da filosofia:** antiguidade e idade média. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1. (Coleção Filosofia).

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica:** princípios e processos de interpretação bíblica. Trad. de Luiz Aparecido Caruso. Flórida: Editora Vida, 1995.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica:** meios de descobrir a verdade bíblica. Trad. de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.